

02

MONOMANIA E HISTERIA MASCULINA NA BAHIA DO SÉCULO XIX: dissidências de sexualidade e gênero sob a psiquiatria¹

MONOMANIA AND MALE HYSTERIA
IN THE 19TH CENTURY BAHIA:
Dissidences of Sexuality and
Gender under Psychiatry

Daniel Vital Silva Duarte

Doutor em História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA)

E-mail: danielvssilva@gmail.com

1 Este texto resume algumas seções da minha tese de doutorado, intitulada: *O rol dos perversos: homossexualidade masculina e psiquiatria no século XIX (1880-1900)*, defendida em 23/01/2023 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (Duarte, 2023).





Resumo

O artigo examina como a psiquiatria produzida na Bahia, na segunda metade do século XIX, articulou dissidências sexuais e de gênero às categorias de *monomania* e *histeria* masculina. Para tal, analisaram-se teses médicas sustentadas na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) entre as décadas de 1850 e 1890, indicando o deslocamento de uma reprovação predominantemente moral para a interpretação desses comportamentos como predisposições mórbidas dotadas de implicações hereditárias e coletivas. Argumenta-se ainda que, mais do que reproduzir teorias europeias, os finalistas do curso médico na FAMEB mobilizaram a linguagem das moléstias mentais para naturalizar diferenças sociais e reafirmar hierarquias no contexto das últimas décadas da escravidão e do imediato pós-abolição. A patologização da sexualidade integrou, assim, um processo mais amplo de definição de padrões aceitos de masculinidade e oferecendo um vocabulário eficiente para a reorganização de certa ordem social.

Palavras-chave: Psiquiatria no século XIX; Homossexualidade masculina no Brasil; homossexualidade masculina na Bahia oitocentista.

Abstract

The article examines how psychiatry in Bahia, in the second half of the nineteenth century, linked sexual and gender dissidences to the categories of monomania and male hysteria. To this end, final dissertations defended at the Faculty of Medicine of Bahia (FAMEB) between the 1850s and 1890s were analyzed, indicating the shift from a predominantly moral reproach to the interpretation of these behaviors as morbid predispositions endowed with hereditary and collective implications. It is further argued that, more than reproducing European theories, the authors at FAMEB mobilized the language of mental illnesses to naturalize social differences and reaffirm hierarchies in the context of the final decades of slavery and the immediate post-abolition period. The pathologization of sexuality thus formed part of a broader process of defining accepted standards of masculinity and offering an efficient vocabulary to reorganize the social order.

Keywords: Psychiatry in the nineteenth century; male homosexuality in Brazil; sexual dissidences in nineteenth century Bahia.

O que não tem medida, nem nunca terá
O que não tem remédio, nem nunca terá
O que não tem receita (Buarque, 1976)

1. Sexualidade, pederastia e patologização

A segunda metade do século XIX assistiu à transformação paulatina de certas condutas em objetos de saber científico. Nesse contexto, a medicina mental passou a operar menos como prática terapêutica e mais como linguagem de classificação social, capaz de redefinir comportamentos, afetos e performances corporais como sinal de uma natureza doente (Castell, 1991; Pacheco, 2021). No Brasil, e particularmente na Bahia, tal processo coincidiu com profundas mudanças sociais associadas à crise do regime escravista e à redefinição das formas de pertencimento social (Engel, 2001; Costa, 2023). A psiquiatria ofereceu, então, um vocabulário específico para traduzir diferenças percebidas no cotidiano em distinções consideradas naturais e duradouras, fazendo com que práticas relativas à sexualidade e ao gênero fossem reinterpretadas como indícios de predisposição mórbida.

Até a última década do século XIX, práticas erótico-afetivas entre pessoas do mesmo gênero não eram consideradas em si como uma patologia separada, quer de ordem física, quer de ordem psíquica em textos médicos escritos na Faculdade de Medicina da Bahia – FAMEB (Duarte, 2023). Contudo se não era uma entidade nosográfica independente, figurou em dezenas de textos como condição propiciadora

de outros males. Senão vejamos um exemplo. Em 1882, na sua tese de final de curso médico, Manuel Frederico Affonso de Carvalho estudou o surgimento de lesões no reto e no ânus causadas pela introdução de objetos estranhos. O texto se preocupou mais em analisar os efeitos para o intestino e possíveis consequências da lesão, e os tratamentos possíveis. Ao debater os motivos da inserção de objetos o autor argumentou que: “[...] a causa dos corpos estranhos propriamente ditos é variável; é assim que são observados casos em que os corpos estranhos são introduzidos á força, com o fim de vingança, por supplicio e por depravação” (Carvalho, 1882, p. 28). Para exemplificar este último caso, o autor narrou a experiência de um paciente dado a práticas da pederastia passiva, o qual foi levado ao médico por duas vezes devido à dificuldade em retirar objetos inseridos no ânus. Na segunda ocasião, a lesão causou a morte do indivíduo.

A relação estabelecida entre enunciados², saberes e experiências – patologia interna e morte, por um lado; e sexualidades dissidentes da norma, por outro – também pode ser percebida em outros campos do saber médico. A Psiquiatria foi um dos espaços privilegiados para diagnosticar comportamentos dissidentes em termos de gênero e

2 A proposta é entender enunciado como uma função que cruza estruturas de signos com unidades possíveis, fazendo surgir conteúdos concretos no tempo e no espaço (Foucault, 2014, p. 105).

sexualidade como sintomas ou caminho para o surgimento de moléstias mentais.

Neste texto, apresento algumas das primeiras elaborações acerca de rebeldias de gênero e relações erótico-afetivas entre homens, relacionadas com patologias mentais – monomania e a histeria – quer na forma de indício para diagnóstico, quer como sinal da presença de males hereditários que apontavam para medos coletivos em Salvador entre 1850 e 1900. Para tal, tomo por base os textos sustentados pelos estudantes da Faculdade FAMEB no final do curso médico, para obter o título de doutor em medicina – denominadas teses inaugurais – cotejando, quando possível, com documentação periódica médica³ e indicando a apropriação da doutrina médica europeia. Além disso, minha proposta envolve entender estes textos médicos, de limitada circulação, na chave de Marcos Ribeiro: num sistema de vasos comunicantes com valores morais da sociedade baiana e

3 Eu teria desejado teses médicas com registros clínicos do Asilo de São João de Deus. Infelizmente, porém, não consegui localizar esses prontuários, a despeito de buscas no Arquivo Público do Estado da Bahia e do Centro de Memória Jorge Calmon, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, que administrou o Asilo no século XIX. Em contato com o Hospital Juliano Moreira, fui informado que não havia documentos anteriores a segunda metade do século XX. Isso aponta as enormes lacunas no conhecimento histórico acerca de experiências de pessoas LGBT no passado. Por vezes, é possível apenas perceber essas existências por meio de notas de documentos institucionais, ou tangencialmente, em outros corpos documentais.

brasileira do período (Ribeiro, 2013, p. 29), percebendo, nas linhas e entrelinhas, a arquitetura conceitual calcada na valorização diferencial de certos corpos.

Na Bahia entre 1850 e 1900 a paulatina psiquiátrica das dissidências sexuais por manias e histerias não operou apenas como medicalização de moralidades, mas sobretudo como mecanismo de reinscrição de hierarquias sociais, por meio da Psiquiatria em processo de consolidação, num contexto em que a crise da escravidão tornava instáveis os marcadores sociais de classificação.

2. Manias, monomania, erotomania: rebeldias de gênero na cidade da Bahia

Em 1858, Francisco Júlio de Freitas e Albuquerque sustentou sua tese de final de curso, intitulada *A monomania*. Ele definia nesta expressão o predomínio de uma ideia fixa, de um sentimento, ou ainda de uma paixão no plano da inteligência, o que seria prejudicial para a vida do paciente (Albuquerque, 1858, p. 1). Ele tinha tomado por base o pensamento de Esquirol⁴, que algumas décadas antes havia

4 Jean-Étienne Esquirol, 1772-1840. Discípulo e aluno de Pinel, foi uma das figuras de maior influência da nascente psiquiatria francesa. Atuou, a partir de 1811, no Hôpital de La Salpêtrière. Pinel, por sua vez, havia proposto pensar a insanidade como fruto da inteligência reduzida ou da ausência de razão.

militado estabelecimento da medicina mental como um saber mais especializado (Engel, 2001, p. 121).

Este médico francês estabeleceu uma classificação calcada na descrição de cada uma das modalidades de estados mentais alterados, ordenados em quatro grupos principais: a idiotia, quer intrínseca quer por causa exterior; a demência, em forma aguda – esta, curável – e crônica, caso em que o prognóstico era pessimista; as manias, formas delírio total com alterações significativas na atenção, percepção, inteligência, etc. – em suma, na totalidade das qualidades mentais; por fim, as monomanias, nas quais estariam as perturbações parciais, sem a perda total de todas as qualidades (Pacheco, 2003). Sérgio Carrara assim sumarizou o pensamento dos primeiros alienistas franceses acerca das monomanias: “A monomania era teoricamente um “delírio parcial”, localizado ou circunscrito a apenas uma ideia. Tal ideia operava como uma espécie de premissa falsa sobre a qual todo um edifício plenamente racional podia ser construído pelo doente.” (Carrara, 1998, p. 72).

Albuquerque pareceu mesclar os últimos dois tipos da classificação de Esquirol. Para este autor, mania e monomania parecem ser a mesma coisa, na medida em que a grande causa de ambas seriam as desordens que tem por sede a inteligência. No plano da sintomatologia, Albuquerque descreve uma série de traços visíveis, cujo

reconhecimento dependia de quem avaliava a condição mental de outrem, para caracterizar a presença destas doenças. O rol de traços físicos soa francamente arbitrário. Ao mesmo tempo que o autor escreve sobre um ‘olhar vivo, brilhante, expressivo’, também diz que este poderia ser ‘um olhar fixo, sombrio, ameaçador’. Os indivíduos poderiam ser quer ‘expansivos e galhofeiros’, quer ‘tristes e taciturnos’. Nestas condições imprecisas, a fisionomia seria uma instância reveladora? Talvez: “A *physionomia*, esse espelho d’alma, vem finalmente a adquirir um *typo* característico, um ‘que’ indefinível, que nos fere á primeira vista, o qual varia segundo a natureza da ideia delirante” (Albuquerque, 1858, *passim*). O excesso de poesia evidencia a quantidade de elementos passíveis de serem lidos como patológicos

Existiam modalidades variadas. Albuquerque fala da monomania ambiciosa (*orgulhomania*), da monomania alegre, da monomania triste. Havia também a mania narcísica, na qual predominava um excesso de vaidades – exemplificada pelo autor como o mal de ‘velhos meninos’ que se enfeitavam em demasia e com um excesso que não era, de forma alguma, condizente com a idade que tinham (Albuquerque, 1858, p. 6-7). E, estreitamente ligada a esta última variedade, o autor fala da mania erótica, também chamada de *erotomania*. Sua causa eram perturbações na inteligência causada por amores, quer por uma afeição

não correspondida, quer pela maneira sem freios com que os acometidos deste mal se entregavam aos afetos. Nela, também se apresentam as oposições concordantes do dr. Albuquerque: a erotomania seria ardente, mas casta; violenta, mas platônica.

É interessante notar que, lado a lado de observações como a do “Cavaleiro D...”, homem inteligente e de aparência cortês e lúcida - mas que enviava cartas para rainhas, princesas e fidalgas pelas quais dizia nutrir a maior afeição - existiam exemplos tirados da história antiga e da mitologia. Orfeu, louco de amores pela finada esposa Eurídice, se dispõe a descer ao Hades em parra trazê-la de volta. Estátuas poderiam ser objeto deste tipo de mania erótica: Alkidias de Rodes teria sido apaixonado pela estátua do Cupido esculpida por Praxíteles:

O amôr do erotomaniaco he ardente, porem casto, violento mas platonico; elle sacriffica de bom grado parentes, amigos, fortuna, familia, tudo até á si proprio no objecto de seus cuidados - Orpheo, louco de amôres por Eurydice, não trepidou rouba-la ao reino de Plutão; Antiocho Soter morreu de amôres por Straonica - A fabula nos pinta Hercules vestido de mulher* fiando na roca aos pés de Omphale, rainha da Lídia. Muitas vezes o objecto d'este amôr he fantastico ou inanimado; outras ele he voltado á uma pessoa que ignora, que não quer ou não pode partilha-lo; outras finalmente ele

he reciproco, mas contrariado. – Alkidias, de Rhodes, torna-se erotomaniaco á vista da estatua de Cupido, de Praxíteles (Albuquerque, 1858, p. 7).

Estes mesmos exemplos – a estátua de Cupido, inclusive – são citados pelo próprio Esquirol de forma a comprovar a distinção entre a entidade mórbida que pretendia estudar de outras duas variedades próximas, a ninfomania e a satíriase:

A erotomania está para a ninfomania e a satíriase como as afeições [que] vivem do coração, mas castas e honestas, estão para a libertinagem desenfreada; enquanto as palavras mais sujas, as ações mais vergonhosas e mais humilhantes, revelam ninfomania e satyriasis. A erotomania não deseja e nem pensa nos favores que poderia obter do objeto de sua ternura louca, às vezes até seu amor tem por objeto inanimado. Alkidias, de Rodes, é tomado de delírio erótico pela estátua do Cupido de Praxitéles (Esquirol, 1838, p. 374)⁵.

Para Esquirol, importava a “sede do mal”: a causa do delírio erótico estaria na inteligência, enquanto as outras duas teriam como causa excessos no trato genital. Também

-
- 5 L'erotomanie est à la nymphomanie et au satyriases ce que les affections viver du coeur, mais chastes et honnêtes, sont au libertinage effrene; tandis que les propos les plus sales, les actions les plus honteuses; les plus humiliantes, décèlent la nymphomanie et le satyriasis. L'erotomanie ne désire ne songe pas même aus faveurs qu'il purrait predendre de l'objet de sa folle trendresse, quelquefois même son amour a pour objet inanimés. Alkidias, de Rhodes, est pris de de délire erotique pour la statue de Cupidon de Praxitéles (Tradução nossa).

nisso Albuquerque concorda com o autor francês, ao argumentar que algum de tipo de afetação no aparelho genital perturbaria outras funções orgânicas.

Tal como teses dos anos 1850, a tese de Albuquerque não estava calcada em observações empíricas. O texto, entretanto, traz uma nota de rodapé muito curiosa, no mesmo trecho em que destacou personagens da mitologia greco-romana como exemplos de erotomania. Ao comentar que Hércules chegou a se vestir de mulher para tentar conquistar os favores da rainha da Lídia, Albuquerque faz o seguinte comentário: “Existe entre nós um louco conhecido vulgarmente pelo epitheto de ‘Mariquinhas’ no qual predominam ideias de mudança de sexo”. É interessante apontar que Albuquerque não se preocupou em mostrar os afetos que considerava desenfreitados em Mariquinhas, elemento que caracterizariam a erotomania.

Jocélio Telles dos Santos, ao estudar indumentária, padrões de comportamento e sexualidade na Bahia oitocentista, citou diversos fragmentos encontrados em jornais baianos do século XIX, nos quais o ato de vestir-se como o outro gênero era objeto de ultraje público e pedidos furiosos de medidas à chefia de polícia da capital. Em setembro de 1866, por exemplo, José do Ouro, crioulo, efeminado que se colocava a janela embrulhado num xale ou num pano da Costa, com argolas e corais nos braços, era fortemente

criticado pelo editor d'O *Alabama*, pedindo sua correção “em nome do decoro”. Luiz Mott, por sua vez, no seu *Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia*, citou uma nota de jornal de 13 de julho de 1869, no qual certa Yayá Mariquinhas teria morrido na Casa de Correção. Pode-se conjecturar que talvez se tratasse da mesma pessoa (Mott, 1999, p. 93-4 e 106). Nos fragmentos também se evidenciou a negatividade de comportamentos que fogem a expectativa de gênero e a contiguidade na busca por admoestação - quer criminal, quer jocosa em jornais, quer médica.

Num período de extensa variedade linguística para tratar do erotismo e afeto entre pessoas do mesmo gênero – pederastia, inversão genésica, uranismo, androphilismo sodomia para ficar em alguns – bem como de performances de gênero rebeldes, o uso de referências a antiguidade clássica era recurso comum. Tratava-se de um esforço de traduzir formas de comportamento tidas como alarmantes ou contestadoras em termos que poderiam ser ditas e tratadas durante o século XIX – quase como um diagnóstico da própria história como campo de experiência humana em termos de exemplos virtuosos e perversos, que também eram mobilizados por médicos (Duarte, 2022).

Na explícita correlação que Albuquerque realizou entre a ideia de transição de gênero e a loucura. Ainda que numa nota de rodapé muito breve, o exemplo sugere que

Mariquinhas afrontaria o binarismo de gênero da sociedade, o qual deveria ser defendido pela psiquiatria (Scott, 1995. p. 88-89). A diferença percebida, aqui, é chamada para garantir a fronteira de gêneros por meio da categorização de Mariquinhas como erotomaníaca. A fronteira entre os gêneros masculino e feminino foi garantida pelo diagnóstico de moléstia mental: quem desejava mudar de gênero só poderia ser compreendida nos termos propostos por Albuquerque como uma pessoa louca.

3. Psiquiatria, histeria e efeminação

Rocha *et al.*, ao fazer um levantamento do tema das moléstias nervosas na FAMEB, lembram de outra temática na qual a relação entre gênero, sexualidade e moléstias mentais estaria presente: a histeria. Para as autoras, um ponto de inflexão na produção de teses com este tema, típicas do *fin-de-siècle*, foi um artigo de Charcot⁶, traduzido na *Gazeta Médica da Bahia*, o ano de 1886 (Rocha, 2004, p. 113). Parece, de fato, apropriado considerar a histeria sob tal perspectiva, uma vez que foi a década de institucionalização do ensino médico da psiquiatria na Bahia – embora

6 Jean-Marie Charcot 1825-1893. Foi um dos mais importantes psiquiatras da segunda metade do século XIX. Freud, inclusive, estudou com ele em La Salpêtrière em fins do século XIX, antes de desenvolver sua teoria da sexualidade que veio a lume em 1905. É importante assinalar que, entre os objetos de seu interesse na instituição francesa estavam as histéricas.

apenas na década seguinte este tema se fez presente em teses de final de curso médico.

A histeria era um tema polêmico, e tanto o seu tratamento como o estudo de suas causas e sintomas passaram por mudanças significativas no século XIX. Sílvia Alexim Nunes argumentou que, numa leitura derivada de Hipócrates, seus sintomas seriam associados à sufocação da matriz/útero, derivada da ausência de relações sexuais. Seguindo esta concepção, tratava-se de um mal que atingiria mulheres. Para a autora, o quadro teria sofrido alguma modificação em discursos médicos do século XVII. Willis e Sydenham defendiam que a sede da doença não seria o útero, mas sim o cérebro, e que a prevalência entre mulheres teria como causa uma suposta maior susceptibilidade nervosa. Estas duas concepções acerca do tema, embora descontínuas entre si, foram mobilizadas por vezes de maneira articulada, o que viabilizou que a histeria se mantivesse associada às mulheres (NUNES, 2010, p. 374-375). Tal ambiguidade pode ser vista na produção brasileira. O *Diccionario de Medicina e Thetarepurica Homephatica*, de 1872, afirmava que a causa da histeria seria uma “irritação mórbida dos nervos que se derrama no útero”. Este último seria a sede da doença, no entender deste médico (Moraes, 1872, p. 244). Já Pedro Napoleão Chernoviz, no *Diccionario de Medicina Popular* (1890), questiona frontalmente esta

concepção, afirmando que se tratava de uma moléstia que acometeria todo o sistema nervoso, com fundo provavelmente hereditário – mas também diz que ela seria mais comum entre mulheres (Chernoviz, 1890, p. 182).

E os homens histéricos? Desde fins do século XIX, diz Engel, as observações acerca da histeria entre homens também situavam a patologia no campo das associações com a feminilidade no processo de construção de um perfil histérico. Isto se fazia ora recorrendo a supostos traços de femininos dos internos, aos quais se denotaria um valor indicativo, mobilizando a herança feminina como fator para diagnóstico (Engel, 2008, p. 175). Durval Muniz Albuquerque Júnior vai ao encontro dessa interpretação, ao assinalar a existência de um crescente processo de histerização dos costumes e do quotidiano urbano a partir das décadas finais do XIX e dos primeiros anos do século XX. Esta moléstia aparecia, segundo o autor, como evidência da efeminação de determinados sujeitos, agora demasiado dados aos sentimentos e aos amores, a ponto até de cometerem suicídio por amores não correspondidos (Albuquerque Júnior, 2012, p. 106). Traços individuais e coletivos associados, portanto.

Feitas estas considerações, é necessário retomar o artigo de Charcot. Nele, o prestigiado psiquiatra francês apresentou ao leitor um breve conjunto de quatro observações de homens que estavam recolhidos no Hospital de

la Salpetriêrè, e de um outro jovem que o visitou no consultório para obter tratamento de sua paralisia. É curioso que, nos cinco casos, o psiquiatra insistiu na necessidade de examinar de forma detalhada não só o aspecto físico geral dos doentes, como também os antecedentes hereditários patológicos e o temperamento de cada um. Pretendia Charcot, por meio destas observações, destacar a necessidade de tratar da histeria no homem sem preconceitos, com vistas a garantir que os que padeciam daquela condição recebessem o adequado tratamento, em lugar de serem percebidos como simuladores ou desprezíveis, como queria o senso comum:

Estes erros se referem especialmente a dous preconceitos, muito generalizados, sobre a natureza da molestia. O primeiro é que, se se admitte voluntariamente que um effeminado, fraco, de temperamento nervoso, possa ser atacado d'uma affecção analoga a que se vê tantas vezes na mulher, esta supposição parece pouco verossímil quando se trata de um homem robusto e vigoroso. O segundo é que os phenomenos morbidos differem um pouco dos que são observados na mulher, e, sobretudo, não tem esta mobilidade que é costume attribuir, quase sempre erradamente, á hysteria feminina. (Charcot, 1886. p. 312).

Este artigo mostra que o olhar dos psiquiatras estava voltado tanto quanto antes para aqueles comportamentos que, de alguma forma, implicassem uma contrariedade

a determinados padrões de gênero. E, muito embora o professor de La Salpêtrière tenha manifestado interesse em debater aquelas situações nas quais homens robustos e vigorosos – que seriam tidos como ‘normais’ – se tornam pacientes histéricos, o breve inventário que faz em alguns dos casos trai certas condutas que talvez não fossem exatamente as esperadas. Os dois primeiros histéricos analisados do Charcot possuíam muitas características em comum: o primeiro tinha 44 anos, e possuía constituição robusta. Só tardiamente a moléstia veio a surgir, em que pese tenha tido sempre sonhos vívidos e extravagantes – talvez fruto de um comportamento nervoso na juventude. Do segundo, com 32 anos, Charcot não informou a constituição física. O que se sabe é que havia sido sonâmbulo e medroso em criança. O que ajuda a dar sentido aos dois casos, porém, era o temperamento nervoso – com sinais evidentes no caso do homem de 32 anos, e por predisposição hereditária, no caso daquele que tinha 44 anos.

Nenhum dos dois foi descrito como efeminado, um traço que, pelo que se pode ver no fragmento, e em outros textos, seria um elemento que permitiria associação mais direta com a moléstia mental. Mas quando aparecia uma patologia ou um comportamento dissonante, parece que tudo, *principalmente a hereditariedade, poderia ser colocado dentro uma lógica que resulta no aparecimento da moléstia*. Além

disso, o fato de um deles ter sido descrito como medroso em criança indica uma característica incongruente com certos ideais de masculinidade viril presentes na França do século XIX (Revenin, 2013).

Também a tese de concurso de Ernesto Carneiro Ribeiro, médico e gramático, que disputou com Augusto Freire Maia Bittencourt a titularidade da cadeira de psiquiatria na FAMEB, em 1886. Intitulada *Perturbações Psychicas no Domínio da Hysteria*, trata-se de um trabalho que sumarizou as principais concepções psiquiátricas acerca desta moléstia. A propósito da relação entre histeria e hereditariedade, Ribeiro afirmou que: “Investigando os antecedentes das hystericas, facil é conhecer entre seos antecessores ou collateras individuos hystericos, epilepticos, loucos cerebras, excentricos, apoplectivos, individuos, em summa, que forão em algum tempo sujeitos ao assalto de alguma nevroses” (Ribeiro, 1886, p. 17).

Para o autor, existiria uma maior predominância de mulheres entre as pessoas atingidas por esse mal, por conta de um substrato orgânico e mental mais predisposto, quer pela sensibilidade física, quer pela susceptibilidade a impressões e imitações. Isto, no entanto, não implicava a inexistência de homens histéricos. Ribeiro chegou mesmo a colocar entre as principais causas da histeria, ao lado de males psíquicos prévios e da imitação, irritações de toda a ordem no aparelho genital:

Uma causa determinante notavel de manifestações hystericas são as desordens diversas, as irritações geraes ou chronicas dos ovarios, do corpo ou do collo do utero, as ulcerações do focinho de tenca, as desolações, os neoplasmas, a hypertrophia, as affecções da vagina, as infecções irritantes na cavidade uterina, as perturbações da menstruação e as perversões das funcções sexuaes. Assim é que, com respeito a estas ultimas influencias, é incontestavel que actuão como causas excitantes a masturbação, a excitação prolongada dos desejos sexuaes por leituras, discursos, scenas, vistas e espetaculos eroticos e obscenos (Ribeiro, 1886, p. 9).

É perceptível que o argumento de Carneiro Ribeiro foi construído pensando em corpos femininos, e pela justaposição entre antecedentes mórbidos e comportamento. Ele, contudo, abria espaço para indivíduos de sexualidades não-normativas, passíveis de serem compreendidos na expressão ‘perversão das funcções sexuaes’. Além disso, mais adiante, o autor apontou a existência da histeria também entre homens, ao citar as observações de Hammond: “Em 333 casos de hysteria, observou Hammond quatro no sexo masculino. Dos quatro individuos acomettidos da affecção, o primeiro em consequencia do trabalho e estudos, foi tomado de accessos de riso e lagrimas emotivas” (Ribeiro, 1886, p. 15). Os outros dois casos são de um homem que sofreu histeria na forma comatosa, e outro com uma variedade de histero-epilepsia. Nos interessa mais o último,

cuja histeria estava ligada à masturbação: “um negociante em New-Jersey, cuja hysteria ligada ao onanismo, se manifestou na forma de ataques tetaniformes, acompanhados de soluços, lágrimas e risos” (Ribeiro, 1886, p. 15).

O tema foi tratado também nas teses de finalistas do curso médico, articulando mais estreitamente a noção de uma herança patológica e a histeria. Eduardo Jansen Vieira de Mello, na sua tese *Hysteria no Homem*, argumentou que: “[...] (N)a hysteria, ficão todas as causas que podem provocar as suas manifestações reduzidas á adptação e a hereditariedade”. Justaposta a hereditariedade aparecem outras condições, que chamou de ‘mesologicas’: “as profissões, a abstinencia, o onanismo, e o abuso dos prazeres sexuais, que impressionando profundamente o organismo perturbão o funcionameno regular do systema” (Mello, 1890, p. 10).

Neste fragmento, estão conjugados diversos elementos para explicar a histeria. Os comportamentos eróticos dissidentes foram colocados no quadro como elementos que poderiam deflagrar o surgimento das crises histéricas. Neste sentido, concorreriam e complementariam a hereditariedade no sentido de produzir um corpo doente em função de aspectos anômalos de ordem física, mental e erótica. É interessante pontuar no fragmento acima alguns atos, como o ‘onanismo’, e a menção a ‘certas profissões’, também referidas por Albuquerque, em 1858, no

campo das condutas passíveis de causar monomanias, e que são aqui reconfiguradas dentro de uma patologia mental definida em termos mais precisos. Pouco mais à frente, Mello ancorou a histeria, em sua variedade delirante, no campo mais amplo e menos definido da libidinagem: “Estas perturbações chegam às vezes ao delírio que também pode ser erótico, puro e sereno, como libidinoso e cynico, achando-se o hystérico sob o domínio da perversão moral” (Mello, 1890, p. 13).

Tal como Mello, o finalista do curso médico Manuel Sampaio Marques tratou do tema em sua tese, *Hysteria no Homem*. Este autor também considerava muito significativo o papel da herança, a quem caberia a transmissão e fixação das doenças, inclusive a histeria, dentro de certas famílias (Marques, 1890, p. 18). Marques considerava a questão da relação entre atributos femininos e a histeria viril como uma suposição que atentava mais para os temperamentos e a constituição física como elementos que preponderavam na produção da nevrose:

Os que admitem a hysteria no homem com certa restricção supõem que os homens hystericos, ou os individuos predispostos á hysteria têm um habito especial, caracteristico, revelando os attributos do sexo feminino, e então dão grande valor á constituição e ao temperamento como factores na producção na nevrose. Com effeito, quem não achar-se a par do facto, ao ouvir

fallar na hysteria viril, ha de suppor que o feminismo é a condição essencial para a produção da nevróse no homem, e, de certo, teria rasão em assim pensar; mas consultando os trabalhos de certos auctores e firmado nas observacções de Charcot, Klein, Batault, Pierre Marie, somos levados a crer que taes causas são puramente bannaes e mais longe iríamos affirmando que a nevróse parece ter uma tal predilecção para os verdadeiros homens, si o numero d'estes relativamente ao dos effeminados não fosse excessivamente maior em toda sociedade (Marques, 1890, p, 21).

É curioso que, em que pese Marques tenha afastado a relação direta entre efeminados e histeria, afirmou a existência daqueles não eram ‘verdadeiros homens’, dotados de ‘attributos do sexo feminino’. O marcador da feminilidade despertava suspeitas e era um elemento que tornaria verossímil a suposição da presença de alguma moléstia. Ele pode ser entendido, dentro da chave proposta por Michel Misse em seu estudo sobre o passivo sexual como um *estigma*, isso é, uma forma de agir que carregava consigo um conteúdo simbólico de negatividade e desvalor:

A mútua referência entre “passivo sexual” e o conjunto do comportamento sexual feminino (ou de seu “equivalente” homossexual) envolve uma distinção ideológica entre superioridade e vantagem do “ativo” em relação à inferioridade e desvantagem do “passivo”, representada já neste nível como “natural” e “imutável” (Misse, 2007, p. 47).

Tal associação, algo nuançada, se repete em outro ponto do texto, no qual Marques procurava fornecer uma prova adicional para desacreditar o papel da feminilidade como causa da histeria. Ao analisar as profissões, o autor defendeu que aqueles que revelavam maior interesse ou aptidão para trabalhos femininos não eram necessariamente mais dados ao desenvolvimento da histeria: “Si para maior veracidade d’esta asserção recorrermos á analyse das profissões, onde o homem ainda pode revelar tendencias de mulher, será facil concluir-se que não são os que revelam aptidão para os trabalhos proprios ao sexo feminino os de predilecção da nevrose (Marques, 1890, p. 21)”.

Essa descontinuidade – a presença de homens efeminados, por um lado, e a histeria como fenômeno que também atingiria homens de verdade – talvez fosse abordada mais detidamente na seção da tese dedicada a debater o papel de causas morais da histeria, quiçá com uma referência a ‘perversão moral’, como na tese de Mello. Contudo, a ausência destas páginas no documento impede acompanhar integralmente o argumento de Marques. Mas uma referência partilhada pelos três autores – Charcot – pode ajudar a adensar este ponto. Em 1882 ele publicou, com Valentin Magnan (1835-1916), um estudo sobre aquilo que designou como inversão do sentido genital – termo que abrigaria toda a sorte de perversão de faculdades morais e afetivas (Charcot

e Magnan, 1882, p. 52), inclusive envolvendo o erotismo e afeto entre homens, e no qual mencionou explicitamente a histeria masculina. Os dois médicos franceses começam o artigo fazendo uma crítica das interpretações que definem as relações erótico-afetivas entre homens apenas como vícios morais e crimes – e, nesta qualidade, tema que deveria ser tratado apenas pela Medicina Legal, como propunham autores na linha de Tardieu (Penniston, 2011, p. 57). Charcot e Magnan, em seguida, apresentam ao leitor uma observação de um rapaz, internado sob cuidados dos dois, que sofreria deste processo de inversão e teria sofrido de ataques histéricos a partir da idade de quinze anos.

Na infância, ele teria sido provocado pela presença de soldados que se banhavam nus num rio perto de sua casa. A visão do pênis destes homens despertou no jovem sentimentos sensuais e, desde então, ele seria obcecado pela visão de homens despidos – inclusive de estátuas, como a do Apolo de Belvedere (Charcot e Magnan, 1882, p. 54). Desde então, ainda que tentasse se relacionar com mulheres, era sobretudo com o pensamento em homens que obtinha prazer: “Tentei amar uma [mulher], esperando assim voltar às idéias naturais; apesar de sua beleza, de seus esforços etc., permaneci completamente frio e a ereção, tão fácil em casa aos olhos do homem, nem mesmo começou. Nunca uma mulher me provocou a menor sensualidade” (Charcot

e Magnan, 1882, p. 56). Ele tinha um gosto muito grande pela toalete feminina e se sentira muito feliz quando se vestira de mulher num carnaval, aos dezesseis anos. Nesse contexto, uma longa entrevista foi realizada pelos médicos, até encontrarem, em fatores variados da hereditariedade – uma distância considerável na idade do pai e da mãe, uma bisavó excêntrica – a causa da predisposição patogênica. Conjugado com episódios de epilepsia e com crises histéricas constantes, dariam a prova definitiva de que a inversão do instinto genésico seria uma entidade mórbida, com variadas formas de manifestação.

Ao tomar como referência o trabalho de Charcot, é lícito supor que Marques partilhava de uma arquitetura conceitual na qual a relação entre sexualidades dissidentes, rebeldias de gênero e a histeria eram diretas, tal como citado de forma mais explícita por Eduardo Jansen de Mello e, até mesmo, por Ernesto Carneiro Ribeiro.

4. Hereditariedade, moléstia mental e histeria:

O exemplo permite formular melhor o tipo de relação de causalidade que estes autores supunham ao refletir acerca da histeria, performance de gênero e vida sexual dissidente. O que seria fortuito nas monomanias – o desenvolvimento de uma moléstia mental por fatores diversos – se converteu em algo como uma mácula insidiosa hereditária em sentido

mórbido; aquele caractere ou aptidão que era adquirido pelos pais ou avós no correr de sua vida, e era passível de ser legado de forma imediata aos seus descendentes, concepção presente em diversos trabalhos defendidos entre 1880 e 1900 na FAMEB (Duarte, 2023, p. 105, 119-121).

Até pelos exemplos citados, a tese de Albuquerque em 1858 enfatizou a relação entre comportamentos, excitações quotidianas e abusos dos órgãos sexuais, mas sem optar por uma causa preponderante, ou aprofundar empiricamente os elementos que citou. A monomania também, na maior parte, se circunscreve a seus efeitos individuais, limitados quer a Hércules, Alkidias de Rodes ou a Mariquinhas. Diversa foi a estratégia adotada nos textos sobre a histeria. Charcot e Magnan, em seu trabalho, recorrem a hereditariedade para situar a origem dos males do indivíduo citado como histérico. Da mesma maneira, para Carneiro Ribeiro, Mello e Marques, a hereditariedade era um dos fatores preponderantes para o surgimento da histeria. O raciocínio parece ser o de que a presença da doença indicaria uma mácula de ordem mental que, ainda que genealógica, atingiria decisivamente os pacientes.

Portanto, a histeria poderia acometer um homem com antecedentes hereditários tidos como normais em função da prática do onanismo, de uma profissão esgotante, de excessos venéreos diversos; *e, do ponto de vista dos seus descendentes,*

a doença indicaria uma periculosidade em sentido retroativo. O mesmo onanista, ou um perverso moral, ou um homem efeminado, legaria potencialmente os frutos de um comportamento sexualmente tido como indecoroso para seus descendentes – e, por isso, Mello, Marques e Carneiro Ribeiro descrevam a histeria sempre em termos de um acúmulo e justaposições de condições mórbidas no correr de gerações. A leitura feita apontaria traços físicos ou mentais fixos, inatos, e com efeitos pretensamente deletérios.

Considerações finais

A psiquiatria baiana não apenas classificou comportamentos desviantes. Ela converteu diferenças contingentes em diferenças inatas, viabilizando permitindo que a ordem social sobrevivesse à dissolução de sua base jurídica escravista. Os textos escritos acerca dessas moléstias, nos quais uma entidade mórbida – a histeria – causada ou tendo por sintoma uma vida sexual não heterocentrada, ou uma performance de gênero tida por insuficiente – efeminados, invertidos, perversos morais, onanistas – justaposta com uma hereditariedade mórbida, sugerem uma valorização diferencial de determinados e hierárquica de determinados corpos. Hierarquia, inclusive, entendida por esses autores como natural, na medida em que a mácula, uma vez surgida, era inata e passível de ser legada a seus descendentes.

Mais que históricos esses sujeitos seriam também compreendidos como *degenerados*. A noção de degenerescência, mais tarde referida como degeneração, pode ser sumariada como o deslocamento de um estado mais perfeito para outro, imperfeito, que comprometeria o processo evolutivo, levando ao aparecimento de obstáculos para a sobrevivência (Duarte, 2023, p. 121). A degeneração era compreendida como mal social, e as conclusões taxativas sobre um ou outro caso estruturavam a interpretação sobre grupos mais amplos da sociedade, especialmente quando associada a gênero ou raça. Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida, na sua tese sobre degenerados criminosos, citou entre as causas da degeneração na Bahia a mestiçagem (Almeida, 1898, p. 70 & 92). Pouco antes, apontou o papel da degeneração como uma espécie de substrato, no qual se manifestariam patologias mentais, inclusive a epilepsia: “Desde o representante da vida vegetativa, o idiota, até o degenerado superior e o epileptico, o hysteric e o neurasthenico, ha um fundo degenerativo immutavel a manifestar-se sempre por certos signaes, que são os estigmas (Almeida, 1898, p. 3)”.

Neste sentido, sujeitos descritos como e degenerados históricos passam a ser objeto de uma preocupação mais coletiva, na qualidade de elementos que sinalizam uma sociedade em crise, o que é coerente com os processos de mudança no Brasil de finais do século XIX, especialmente

com a reformulação de laços de opressão senhorial sobre a massa de indivíduos ex-escravizados em termos de fato científico. Como lembra Chalhoub ao estudar periódicos e textos literários do final do século XIX, aparece a ideia de que o contato das ditas ‘classes perigosas’ trazia em si o risco de contágio (Chalhoub, 2001, p. 29). Entendo estes dois elementos - corpo fixo e a passagem, sem mediações, do indivíduo para a coletividade - como parte do processo da perseguição de pessoas alocadas fora de padrões de gênero e sexualidade, cujos - corpos passaram a ser alocados dentro das “classes perigosas”. Tal hostilidade, é indispensável salientar, estava articulada com lugar social e raça desses sujeitos, estruturando a perseguição a estas experiências na sociedade baiana é brasileira do período. Apontar essa relação é importante para refletir acerca de uma genealogia ampliada da LGBTfobia, e do papel destacado dos saberes médicos e psiquiátricos neste processo já nos anos finais do século XIX. Não como entidade separada, como é por vezes compreendida, mas como fenômeno articulado com outras formas de exclusão e violência (Borillo, 2000, p.64-66).

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- BUARQUE, Chico. **O Que Será (À Flor da Pele)**. In: NASCIMENTO, Milton. Geraes. Rio de Janeiro: Ariola/EMI, 1976. 1 faixa (sonora), 33 rpm
- CARRARA, Sérgio. **Crime e Loucura**. O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CARVALHO, Manoel Frederico Affonso de. **Corpos estranhos no recto e seu tratamento**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, 1882.
- CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**. A idade de ouro do alienismo. 2ª Edição. São Paulo: Graal, 1991.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CHARCOT. Hysteria no homem. **Gazeta Medica da Bahia**, a. 17, n. 7, mensal. jan. 1886. Disponível em:. Acesso em 15 jan. 2023.
- CHARCOT, Jean-Marie; MAGNAN, Victor. Inversion du sens génital (Pathologie Mentale). **Archives de Neurologie**. Revue des Maladies Nervoses et mentales. T. 3, 1882. Disponível em: <https://shorturl.at/kBDEJ>, acesso em 15 jan. 2024.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias**. 6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

COSTA, Iraneidson. **A Bahia já deu régua e compasso: medicina legal, raça e criminalidade na Bahia (1890-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2023.

DUARTE, Daniel Vital Silva. **O rol dos perversos: homossexualidade masculina e psiquiatria no século XIX (1880-1900)**. 2023. 276 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36887/1/o%20rol%20dos%20perversos%20final.pdf>> ; acesso em 16 jan. 2024.

DUARTE, Daniel Vital Silva. Representações da Antiguidade Clássica e o processo de nomeação de sexualidades divergentes no século XIX (1850-1900). **Revista de História da UEG**, v. 11(1), 2022. Disponível em: < https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/pt_BR/article/view/12211 >. Acesso em 15 jan. 2024.

ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

ENGEL, Magali Gouveia. Sexualidades interditas: loucura e gênero masculino. **História Ciências, Saúde**. Manguinhos, RJ, v. 15, p. 173-190, jun. 2008. Suplemento, p. 176-178. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XZfqzSPCKzNftqnDghn46qs/abstract/?lang=pt>> . Acesso em: 15 jan. 2024.

ESQUIROL, Jean-Etienne. **Des Maladies Mentales Considérées Sous Les Rapports Médical, hygiénique et médico-légal**. Bruxelas: Melines, Cans et Compagnie, 1838.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MARQUES, Manuel Sampaio. **Hysteria no homem**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890.

MELLO, Eduardo Vieira Jansen de. **Hysteria no Homem**. Tese Inaugural (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1890,

MORAES, Alexandre José de Mello. **Diccionario de Medicina e Therapeutica Homoeopathica ou a homoeopathia posta ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1872.

MOTT, Luiz. **Homossexuais da Bahia**: dicionário biográfico (Séculos XVI-XIX). Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 1999.

PACHECO, Maria Vera Pompêo de Carmargo. **Esquirol e o surgimento da psiquiatria contemporânea**. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/wdZ8NCsDnBst4Nq3jZjgBMb/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 16 de jun. de 2021.

PENISTON, William A. **Pederasts and others**. Urban culture and sexual identity in nineteenth century Paris. New York, London: Routledge, 2011.

REVENIN, Regis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**. v. 2: O triunfo da virilidade. O século XIX. Petrópolis: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. **Perturbações Psychicas no dominio da Hysteria**. Bahia: Imprensa Economica, 1886. Tese de Concurso (Lente da Cadeira de Clínica Psiquiátrica), Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador, 1886.

RIBEIRO, Marcos A R. **A Faculdade de Medicina da Bahia na visão de seus memorialistas**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

ROCHA, Nádia Maria Dourado *et al*. A Faculdade de Medicina da Bahia no Século XIX - A preocupação com aspectos de Saúde Mental. **Gazeta Média da Bahia**, v. 74, n. 2, 2004. Disponível em:

<<https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/view/375>>.

Acesso em: 15 jan. 2024.

SANTOS, Jocélio Teles dos. “Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados”: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, vol. 40, n. 2, p. 145-182, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ra/a/NV95Yd5RzQHnLsWWKmQNh4g/?lang=pt>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <[google.com/url?sa=t&rct=j&q=&resrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj4rtaT_O-SAXUKppUCHQmBHGgQFnoECB0QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Feducacaoerealidade%2Farticle%2FviewFile%2F71721%2F40667&usg=AOvVaw2gha5eeaPFELvHEWJwSoxm&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&resrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj4rtaT_O-SAXUKppUCHQmBHGgQFnoECB0QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Feducacaoerealidade%2Farticle%2FviewFile%2F71721%2F40667&usg=AOvVaw2gha5eeaPFELvHEWJwSoxm&opi=89978449)> Aceso em: 18 abr. 2024.